

A Arte de Ensinar e Métodos Pedagógicos

Cintia Guimarães Ferreira
Marilma Malta Pires Daher
Ubiratan Barbosa de Araujo
Achilles Astuto
Carlos Roberto Ferreira de Castro

1. Introdução

“A arte de ensinar carrega consigo o preparo e a percepção que o professor tem da vida e de si mesmo”.

(Carlos Castro)

Do nosso ponto de vista, o ensino divide-se em dois aspectos complementares: o ensino natural e o artificial. Ensino natural baseia-se na necessidade da preservação da espécie humana, ao longo do seu desenvolvimento, com o objetivo de favorecer a si mesma e as gerações futuras, uma qualidade de sobrevivência sempre superior às anteriores, quanto ao uso e as transformações da natureza. O ensino artificial envolve uma complexidade maior e vemos a sua origem quando o ser humano começou a obter vantagens com os seus conhecimentos adquiridos. Modernamente, podemos resumi-lo assim: é a relação entre o capital e o trabalho. O tempo e o esforço gasto para se ensinar, correspondem a um certo valor monetário.

Para entendermos esta relação entre educadores e educandos, não podemos deixar de observar que somos produtos das necessidades e anseios da sociedade na qual estamos inseridos. Cada época e lugar possuem os seus questionamentos e valores.

O desenvolvimento da humanidade, no século XX, deu-se de uma forma muito rápida, o que leva a maioria das pessoas a serem apenas usuárias ou mesmo espectadoras deste desenvolvimento. Tornou-se difícil acompanhar toda esta multiplicidade da criação humana, obrigando-nos as especializações de parte destes conhecimentos. Assim, muitos educadores, em meio

a estas circunstâncias, costumam valorizar a sua área de estudo como a mais importante em detrimento às demais. Esta visão não explícita, inserida no meio educacional e bem explícita no meio social, leva o enchimento de determinadas áreas de ensino e o esvaziamento de outras. Isto faz surgir educandos insatisfeitos e futuros educadores vivendo a linearidade de um conhecimento de sobrevivência.

Para nós, a arte de ensinar começa com a liberdade que cada indivíduo terá na escolha da área de atuação, em relação ao conhecimento. Entretanto, vemos nesta situação uma condição necessária, mas não suficiente.

Temos presenciado, no meio Universitário, uma exigência, cada vez maior, de que um educador deverá ter a qualificação de doutor para ensinar. A ingenuidade de que um especialista, em uma determinada área, carrega em si mesmo a arte de ensinar é tão ilusória, que não conseguimos compreender como certas pessoas ainda defendem esta linha de pensamento. É evidente que não estamos desvalorizando a especialização. O que estamos dizendo é que esta não é uma condição necessária e nem suficiente para ser um bom educador. A nossa discordância está na fundamentação lógica de que um bom educador deverá ser, necessariamente, um doutor.

As teses fora da área de educação conduzem a uma prioridade direcionada, sem que se tenha a mínima preocupação com a arte de ensinar.

A arte de ensinar, muitas vezes, não está associada a um grande conhecimento do que se propõe a ensinar. Ela contém sutilezas, detalhes íntimos do educador. A maneira como ele vê o mundo e os seus valores existenciais, têm uma grande influência no seu comportamento educacional. Este ser educador é um ser histórico, social e, sobretudo um ser indivíduo vivendo o seu tempo e é fundamental na formação da personalidade de uma sociedade.

A pedagogia moderna (pedagogia do século XX) criticou os pedagogos dos séculos anteriores, ou seja, as escolas do tipo memorista, onde a criança era tratada, apenas, como depósito de informações pré-estabelecidas. O professor precisava compreender que o universo do educando não podia ser avaliado com as medidas utilizadas no julgamento dos homens adultos. Rousseau condenou este método expressando-se desta forma: “procuram sempre o homem no menino, sem cuidar no que ele realmente é antes de ser homem.”

Os educadores do século XX criaram a PEDAGOGIA DA ATIVIDADE, que passou a rejeitar a ideia de que o conhecimento é algo que se transmite como uma dádiva, onde encontramos o professor de um lado, oferecendo a sabedoria, e de outro os alunos, recebendo-a passivamente. O processo educacional objetivava eliminar o esforço pela aprendizagem, substituindo-o pelo interesse na aprendizagem.

2. Teóricos da Pedagogia Contemporânea

Será apresentado um resumo das ideias de alguns nomes da Pedagogia contemporânea.

DEWEY (1859-1952). AGIR COM UMA META É AGIR INTELIGENTEMENTE. Para Dewey o sentido da vida é a continuidade e isso só pode ser conseguido pela renovação constante. A sociedade se perpetua por um processo de transmissão, onde os mais jovens recebem dos mais velhos os hábitos de pensar, sentir e agir.

Compete à escola, suprimir tanto quanto possível as características negativas do meio. Assim, a escola torna-se o principal agente de uma sociedade futura melhor.

Dewey discorda dos estudos puramente intelectuais, dizendo que é a experiência que produz o conhecimento.

KILPATRICK (1871-1965). O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO É CONTINUAR A ENRIQUECER O PROCESSO DA VIDA POR PENSAMENTOS E AÇÕES MELHORES. A educação está na vida e para a vida. Seu objetivo é o único que se adapta a um mundo em desenvolvimento e a sua essência e a sua finalidade é o desenvolvimento contínuo.

Escreveu Kilpatrick: “Não podemos ensinar com coerência, se não conhecemos o objetivo exato a se alcançado. Qual é esse objetivo? Como a personalidade humana deve ser considerada?...”

DECROLY (1871-1932). A ESCOLA IDEAL. Concebeu a escola ideal. As classes não devem possuir mais de 20 ou 25 alunos. As salas devem possuir pequenas oficinas, onde os trabalhos manuais possam ser praticados.

A criança precisa conhecer a si mesma. Porque sente fome, sede, frio e etc. Depois de conhecer a si mesma, precisa conhecer o meio natural e o meio humano em que vive.

O método de Decroly é globalizante e deve ser realizado em três estágios.

1 - A OBSERVAÇÃO: visa pôr a criança em contato com objetos, fenômenos, seres e acontecimentos.

2 - A ASSOCIAÇÃO: visa relacionar, entre si, objetos e fatos, próximos e longínquos, presentes e passados, o homem e o seu meio.

3 - A EXPRESSÃO: visa manifestar o pensamento de modo acessível aos demais, por meio da palavra, da escrita, do desenho, do trabalho manual, entre outros.

MONTESSORI (1870-1952). A AUTO-EDUCAÇÃO POR MEIO DE BRINQUEDOS EDUCATIVOS. A criança pode deslocar-se em um espaço constituído para ela e escolher a atividade que corresponder as suas necessidades do momento; assim, ela se ORGANIZA com a ajuda do material didático. Montessori assinalou, que é grande a capacidade de absorção da criança nessa atmosfera de liberdade ativa.

A função do educador é observar a criança antes de dirigi-la, manter um clima favorável e explicar-lhe o manuseio correto do material didático.

CLAPARÈDE (1873-1940). A EDUCAÇÃO FUNCIONAL. Sua pedagogia baseia-se nas necessidades e interesses da criança (educação funcional) e educar é criar na criança um comportamento que satisfaça as suas necessidades orgânicas e intelectuais, pois, os aspectos físicos e psíquicos possuem uma mesma realidade dinâmica. Conhecer a criança, para melhor ajudá-la a tornar-se tudo o que pode e deve ser, é o ideal da pedagogia funcional.

O motor da educação deve ser não o medo do castigo, nem mesmo o desejo de uma recompensa, mas o INTERESSE profundo pela coisa que se trata de assimilar ou executar. Assim, a função do mestre deve ser de um ESTIMULADOR de interesses, num despertador de necessidades intelectuais e morais. O entusiasmo, e não a erudição, será a sua virtude.

PIAGET (1896-1980). A TEORIA DA ASSIMILAÇÃO. Concebe a aprendizagem como uma integração de reações espontâneas na atividade instintiva e uma assimilação inteligente da realidade.

O caráter INTELIGENTE da aprendizagem não significa apenas AGIR para adquirir conhecimentos ou hábitos. Não é suficiente organizar a escola como uma “sociedade em miniatura” para que os alunos se EDUQUEM moral, social e civicamente. É necessário, também, que recebam ENSINAMENTOS sobre educação moral, social e cívica.

A nossa estrutura de raciocínio NÃO é inata. Precisamos aprendê-la através da educação. Desde que falamos, nenhum idioma se implantou por hereditariedade, e é sempre através de uma ação educativa externa do ambiente familiar, que se aprende a sua língua.

BRUNER (1915-). ENSINAR É UM MEIO ADMIRÁVEL PARA APRENDER. Comunicar conhecimentos depende do domínio que se possui sobre o conhecimento a ser comunicado. Segundo o parecer de vários órgãos oficiais, muitos professores primários e secundários, não são suficientemente treinados para ensinar a sua matéria.

O professor é um símbolo pessoal e imediato do processo educativo e é a figura com a qual o aluno pode identificar-se. Quem não se lembra do impacto causado por um determinado professor e sua paixão por um assunto? Uma mentalidade divertida, porém séria. Há também, imagens destrutivas: os professores que minam a confiança, destroem sonhos e transformam a sala de aula em sala de horror.

A teoria de Bruner pode ser compreendida lendo a estória de um eminente professor de Física de uma faculdade ao apresentar a teoria dos quanta: “Dei toda a teoria, de ponta a ponta, e quando terminei e ergui os olhos deparei toda uma classe de faces lívidas – evidentemente não haviam entendido nada. Uma segunda vez, repassei toda a teoria e eles ainda não entenderam. Então, repeti-a por uma terceira vez e, dessa vez, eu a entendi”.

O ato de aprender foi convertido no elemento central da pedagogia contemporânea. Vamos apresentar de forma sucinta, o pensamento das duas maiores escolas de teoria da aprendizagem contemporâneas; que são: a teoria do condicionamento BEHAVIORISTA e a teoria de CAMPO-GESTALT.

O ser humano primitivo desenvolveu uma teoria para explicar a natureza dos fenômenos que observava - o ANIMISMO, que consistia em atribuir alma ou espírito humano a todas as coisas vivas e inertes existentes no Universo. Se ouvia o barulho de um trovão, então alguma entidade do céu estava irritada com os homens e desejava de puni-los. Se a caçada foi boa, então algum deus da floresta resolveu premiá-la. Assim, surgiram as cerimônias mágico-religiosas, que tinham por finalidade promover um BOM relacionamento entre os seres humanos e os espíritos que viviam dentro de cada ser do Universo. Com o desenvolvimento das explicações racionais, o homem foi abandonando estas atitudes animistas. Os fenômenos naturais

passaram a ser entendidos como o resultado de um amplo conjunto de causas e efeitos. O Universo passou a ser visto como um grandioso mecanismo cujo funcionamento estava regulado por leis físicas pré-determinadas. Entretanto, o homem não estava sujeito a leis pré-determinadas, porque nossas ações eram imprevisíveis. Esta era a opinião sustentada por inúmeras pessoas.

BEHAVIORISMO: A APRENDIZAGEM E O COMPORTAMENTO. O objetivo desse movimento era provar que o comportamento humano também poderia ser aplicado dentro dos padrões da ciência. Assim, no início do século XX, surgiu, uma corrente psicológica liderada por JOHN BROADUS WATSON e EDWARD LEE THORNDIKE, disposta a explicar, cientificamente, a conduta humana. Portanto, behaviorismo é o estudo científico do comportamento. Tudo precisava ser testado, medido e comprovado.

Os behavioristas eram inspirados pela física. Assim, como a física explicava os fenômenos naturais pelo mecanismo de causas e efeitos, os behavioristas procuravam um princípio geral que explicasse a conduta humana. Equacionaram o problema dessa forma: a causa do comportamento é o ESTÍMULO e o efeito do estímulo é a RESPOSTA. O estímulo é a excitação provocada pelo meio ambiente, e a resposta é a reação do indivíduo. Assim, a psicologia behaviorista é de estímulo e resposta.

Os primeiros behavioristas foram influenciados pelo fisiólogo russo IVAN PETROVICH PAVLOV (1849-1936), que realizou experiência de aprendizagem com animais. Pavlov desenvolveu a teoria do reflexo condicionado.

A teoria behaviorista pode ser resumida dessa forma: a aprendizagem é encarada como as respostas oferecidas pelos indivíduos aos estímulos que recebe do ambiente. APRENDER é adquirir mudança no comportamento. ENSINAR é preparar as condições ambientais de estímulos, visando obter a resposta comportamental desejada.

GESTALT: APRENDER É TER INSIGHTS. Escola rival dos behavioristas. Originou-se na Alemanha na primeira metade do século XX e teve como fundadores os psicólogos MAX WERTHEIMER (1880 – 1943), WOLFGANG KOHLER (1887 – 1967), KURT KOFFKA (1886 – 1941) e KURT LEWIN (1890 – 1947).

De acordo com os gestaltistas, o ambiente não se apresenta com estímulos únicos, individualizados. São blocos de estímulos que configuram

uma situação geral e elas formam um campo que age sobre a percepção. Assim, a teoria da gestalt procura demonstrar que: “as qualidades de uma coisa derivam da relação com outras coisas.” Ou, de outra forma: não percebemos fatos isolados, mas em conjunto com inúmeros fatores simultâneos.

A percepção para o gestalt depende, também, das circunstâncias psicológicas do indivíduo. O ser humano não é produto do meio, mas sim o produto da sua interação com o meio.

O INSIGHT é o momento em que se dá a iluminação do problema. É o instante em que o indivíduo compreende as relações existentes entre todos os fatores de uma situação, estabelecendo entre eles um vínculo solucionador. O insight é uma conquista de quem aprende e não pode ser transferido de uma pessoa para outra. O professor não pode dar um insight para o aluno.

Diferenças básicas entre as duas escolas

Gestalt	Behaviorismo
ambiente: composto pelo meio físico e psicológico. O homem é produto da interação do seu interior e dos estímulos do ambiente.	ambiente: meio físico e social agindo sobre o indivíduo. O homem é produto das condições ambientais, às quais ele reage passivamente. Sua posição é de repouso, à espera do estímulo.
percepção: sentir e atribuir significados não são coisas separadas. O homem só sente aquilo que para ele possui significado. E isto ocorre simultaneamente.	percepção: consiste em gravar na mente aquilo que vemos; é como tirar fotografias. Percepção é primeiro sentir alguma coisa e depois atribuir significados para ela.
motivação: nasce do jogo entre sucesso e fracasso existentes na vida. São os fatores que nos fazem buscar recompensas em função dos objetivos traçados pela própria pessoa.	motivação: é o impulso para agir, que resulta de um estímulo.
aprender é desenvolver <i>insights</i> .	aprender é condicionar estímulos e respostas.

SKINNER (1904-1990). O COMPORTAMENTO HUMANO É PREVISÍVEL E PODE SER CONTROLADO. Não devemos procurar explicações dentro do indivíduo. A análise científica do comportamento deve procurar explicações nas condições ambientais, que residem fora do indivíduo. Controlando-se estas condições, poderemos controlar e prever o comportamento. Skinner faz restrições ao livre-arbítrio do homem: “a hipótese de que o homem não é livre é essencial para a aplicação do método científico ao estudo do comportamento. O homem interior que é livre e considerado responsável pelo seu comportamento (...) não passa de um substituto pré-científico para as diferentes espécies de causas que se vão descobrindo à medida que progride a análise científica. Todas as diferentes causas são EXTERIORES ao indivíduo.”

Para Skinner, a aprendizagem é o produto de dois tipos de condicionamento: O RESPONDENTE e o OPERANTE.

O condicionamento respondente corresponde às respostas provocadas diretamente por uma estimulação. O condicionamento operante não possui ligação direta entre estímulo e resposta. Ele é responsável pela maioria das ações humanas, onde a resposta comportamental possui estímulos quase sempre desconhecidos.

ROGERS (1902-1987). A CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO DEVE LIBERTAR E NÃO CONTROLAR. Roger é o líder da corrente psicológica conhecida como A TERCEIRA FORÇA, que se opõe ao movimento behaviorista defendido por Skinner. Sua preocupação sobre a teoria do comportamento e de que ela possa ser usada por grupos prepotentes, para escravizar os indivíduos, alienando-os de sua personalidade. O ser humano pode ser influenciado subliminarmente, ou seja, podemos influenciar a opinião de uma pessoa sem que ela própria tenha consciência dos estímulos que provocaram esta influência. Assim, o ser humano se tornaria um ser autônomo, criado e controlado pela ciência que ele mesmo criou.

Para Roger: “a educação deverá assumir a natureza dinâmica da nossa sociedade, deverá remover o medo pela aventura criativa, deverá repelir as posições rígidas, estáticas, fechadas e conservadoras e ser centrada no aluno. Os indivíduos deverão ser estimulados para que desenvolvam as suas próprias potencialidades, num clima de liberdade, auto-realização e consciência social.”

Roger provocou polêmicas e reações adversas em várias pessoas com suas reflexões:

1 - Segundo a minha experiência, eu não posso ensinar a outra pessoa a maneira de ensinar.

2 - Uma tal experiência implicaria que se deveria renunciar ao ensino. As pessoas teriam de se reunir se quisessem aprender.

3 - Deveríamos renunciar aos exames. Eles medem apenas o tipo de ensino inconsequente.

4 - Pela mesma razão, deveríamos acabar com graus de avaliações acadêmicas.

3. O processo e a finalidade da Educação

A escola não pode ser mais uma máquina de alfabetização, objetivando a ensinar a ler, escrever e contar. Na complexidade da vida social moderna, o seu papel é mais amplo. Suas responsabilidades são maiores. Ela tem que promover a interação do educando no seio da comunidade e lhe fornecer o progresso individual e social. Assim, os fins da educação não podem se resumir a preparação mecânica e conformista, através de um processo de aprendizagem passivo. O processo deve ser dinâmico, ativo, progressivo e em constante ascensão, como a própria vida. Desta forma, a finalidade da educação incorpora-se à finalidade da própria vida.

4. Sobre Sócrates e Paulo Freire

Sabemos de Sócrates através de Platão e Xenofontes, pois ele não deixou nada escrito. IRONIA e MAIÊUTICA são os seus métodos pedagógicos. Com a ironia ele mostrava as pessoas que elas não sabiam o que pensavam que sabiam. Ele escreveu: “Eu só sei que sei que nada sei”. Com isso, ele julgava-se o homem mais sábio da Grécia, pois ele sabe que não sabe e as outras pessoas pensam que sabem e não sabem. Foi acusado de corromper a juventude e foi conduzido a prisão, onde foi obrigado a suicidar-se tomando cicuta. O que mostra que o processo educativo e de instrução da percepção do ser humano, no seu contexto social, não está desvinculado a situação política.

Na maiêutica ele argumentava que, com perguntas bem formuladas, poderia conduzir um escravo a responder o teorema de Pitágoras corretamente. Achemos o método interessante e ele pode ser resumido dessa forma: “O melhor método para um professor é fazer perguntas que ajudem o aluno a desenterrar a própria sabedoria.”

Sobre Paulo Freire, vamos relatar uma discussão, ocorrida em aula de Pedagogia, sobre o seu método. A frase: *A vovó viu a uva*, deveria ser ensinada para as crianças do Nordeste brasileiro? Seu método discorda desta abordagem. Ele justificava que, primeiramente, devemos apresentar as situações do dia-a-dia do aluno. Somente depois de capacitado ele teria condições de abstrair da existência da uva no Sul do Brasil. A frase deveria ser: *A vovó viu o jerimum*. O método tem coerência e é difícil discordar dele.

5. Considerações Finais

“Feliz é o jovem que estuda, sem deixar de viver a vida de seu tempo.”

(Carlos Castro)

Cada educador está inserido dentro de uma realidade vivida por ele e pelos alunos. Cabe a ele escolher o método pedagógico para ser aplicado a essa realidade.

“Educação é vida, e viver é desenvolver-se, é crescer. Vida e crescimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, salvo mais vida e mais crescimento. O processo educativo, portanto, não tendo nenhum fim, além de si mesmo, é o processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida. O hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar. Graças a esse hábito, a educação, como reconstrução da vida humana. (Anísio Teixeira)”

E, desta forma, à finalidade da educação, incorpora-se a finalidade da própria vida.

“A finalidade da vida é vivê-la intensamente, nascer plenamente, estar plenamente desperto. É emergir das ideias de grandiosidade infantil,

para adquirir o convencimento de nossas verdadeiras ainda que limitadas forças; ser capaz de admitir o paradoxo de que cada um de nós é a coisa mais importante no universo e, ao mesmo tempo, não mais importante do que uma mosca ou uma folha de grama. É ser capaz de amar a vida e, não obstante, aceitar a morte sem terror; tolerar a incerteza sobre as questões mais importantes com que nos defronta a vida e, não obstante, ter fé em nossas ideias e nossos sentimentos, enquanto são verdadeiramente nossos. É ser capaz de estar sozinho e, ao mesmo tempo, sentir-se identificado com uma pessoa amada, com todos os irmãos deste mundo, com tudo o que vive; seguir a voz da consciência, essa voz que nos chama, porém não cair no ódio de si mesmo quando a voz da consciência não seja suficientemente forte para ser ouvida e seguida. A pessoa mentalmente sadia é a que vive pelo amor, pela razão e pela fé, e a que respeita a vida, a sua própria vida, e a do seu semelhante” (Anísio Teixeira).

Somos seres sociais, mas também indivíduos vivendo o seu tempo. Precisamos viver e isso implica na escolha de um caminho. Existem vários, mas um ninguém poderá retirar depois de conseguido: O conhecimento. Plagiando Sartre: O estudo não se justifica, mas é um produto do homem. Nele ele se projeta e se reconhece e somente esse espelho poderá lhe oferecer a sua própria imagem.

6. Referências

ANTUNES, Celso. Glossário para Educadores. Editora Vozes, 2003. Petrópolis.

COTRIM, Gilberto Vieira; PARISI, Mário. Fundamentos da Educação-História e Filosofia da Educação. Editora Saraiva, 7ª edição, 1983. Rio de Janeiro.

LAHERA, Jesús; FORTEZA, Ana. Ciências Física nos Ensinos Fundamental e Médio – Modelos e Exemplos. ALE Artuned Editora AS, 2006. São Paulo.

MONTESSORI, Maria. Coleção: Personagens que mudaram o mundo. Os grandes humanistas. Editora Globo, 1990. São Paulo.

MORETTO, Vasco Pedro. Prova – um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. Editora DP&A, 5ª ed, 2005, Rio de Janeiro.

OSBORNE, Richard. Filosofia para Principiantes. Editora Objetiva Ltda, 1992. Rio de Janeiro.